

9 MAIO 2024

O' CULTO DA AJUDA, 19H30

MÚSICA VIVA 2024

ENSEMBLE MPMP

Rita Castro Blanco (direção), Filipa Portela (soprano), Daniel Bolito (violino), Ana Monteverde (viola), Ângela Carneiro (violoncelo), Ana Ester Santos (harpa), Philippe Marques (piano), Luís Salgueiro (eletrónica)



Rita Castro Blanco



Filipa Portela

- João Pedro Oliveira · “O Abismo e o Silêncio” (2001) ·
- Diogo da Costa Ferreira · “Há que ser rio” (2023) ESTREIA ABSOLUTA ·

João Pedro Oliveira · “O Abismo e o Silêncio” (2001)

quatro canções sobre poemas de Fernando Pessoa · soprano, violino, viola, violoncelo, harpa, piano e eletrónica

Estas quatro canções utilizam como texto excertos de obras de diversos heterónimos de Fernando Pessoa. Cada uma delas pretende apresentar uma faceta correspondente ao carácter ou ambiente que a personalidade do respetivo heterónimo transmite no poema (bucolismo, melancolia, tristeza, decepção, ironia, raiva, etc.). A parte eletroacústica foi realizada no estúdio do compositor e no Estúdio de Música Eletroacústica da Universidade de Aveiro.

Diogo da Costa Ferreira · “Há que ser rio” (2023) · obra vencedora do Prémio Musa 2023
ópera-monodrama a partir de poemas de Natália Correia · soprano solo

Há um galope indomável dentro deste peito, uma força que não se deixa derrotar: lume invencível que me consome e me devora.

Não hesites, vai. Não tenhas medo. Fecha os olhos e avança.

Cá dentro, um lugar vazio aguarda o incêndio e o fulgor de um abraço, de um beijo: peito que estremece arritmico como um abalo telúrico que rasga a pele.

Não hesites, vai. Desliza como a corrente de um rio. Flui como a água que desce para a foz.

Com força, determinação, e de mãos dadas.

Há que ser rio: é-se rio ou abismo.

Talvez esta seja a história de uma mulher que, não tendo conseguido ser rio, tornou-se abismo. Talvez seja a história de alguém que, ao hesitar, matou uma parte de si. Talvez esta seja a história de todos nós: quando o nosso medo nos mata a sangue-frio.

Caiu a última pétala da tarde, e ela anoitece só, povoada pela angústia e pela dor, dilacerada pelo arrependimento. Depois de anoitecer, instala-se a escuridão e começa o luto.

Talvez tenha aprendido a mais importante lição, talvez tenha fundado uma nova nascente e um novo um leito dentro do peito, mas é tarde de mais: já não pode avançar de mãos dadas.

É preciso cumprir a máxima de Mário Cesariny: «Ama como a estrada começa».

É preciso ser rio.

Para ti, com um rio dentro do peito.

Rita Castro Blanco é uma das mais promissoras jovens maestrinas portuguesas, tendo-se estreado com a Orquestra Gulbenkian, Orquestra Sinfónica Portuguesa, Orquestra Metropolitana, Orquestra das Beiras, Orquestra do Norte e Orquestra Clássica de Espinho. Rita Castro Blanco desenvolve a sua carreira em Portugal e no Reino Unido. De 2019 a 2022 deteve o posto de Maestrina Titular da Huddersfield Philharmonic Orchestra e na temporada de 2023/24, é Maestrina Assistente da City of Birmingham Symphony Orchestra. Rita Castro Blanco tem vindo a desenvolver a sua experiência e interesse nos campos da música operática

e contemporânea, que culminaram na sua participação na Conducting Fellowship do Festival de Tanglewood em 2022, no programa Mentorship for Woman Conductors do Festival d'Aix-en-Provence e na Conducting Fellowship do Festival de Lucerne, ambos em 2021. Em 2020 dirigiu a Maratona Ópera XXI inserida no Operafest Lisboa nos Jardins do Museu Nacional de Arte Antiga. Para além das numerosas estreias, a maestrina tem vindo a colaborar profissionalmente como Assistente para vários projetos operáticos tais como: “Cosi fan tutte” de Mozart com a Orquestra Gulbenkian e Nuno Coelho (2022), “La Passion de Simone” de Kaija Saariaho, com Orquestra Nacional do Teatro S. Carlos e Joana Carneiro (2021), “Missa” de Bernstein com a Orquestra Gulbenkian e Clark Rundell (2019), “Suor Angelica” e “Gianni Schicchi” de Puccini com a Orquestra Operática do RNCM e Martin André (2018), e na estreia de “Beaumarchais”, uma encomenda da Fundação Gulbenkian e do Teatro Nacional D. Maria II com a Orquestra Gulbenkian e Pedro Amaral (2017). Rita Castro Blanco, iniciou os seus estudos musicais no Conservatório de Música Metropolitana de Lisboa, dando-lhes continuidade na Academia Nacional Superior de Orquestra, onde obteve a Licenciatura em Música de Direção na classe de Jean-Marc Burfin. Em 2019 concluiu o Mestrado de Música em Performance do Royal Northern College of Music, na classe de Clark Rundell e Mark Heron. Na prova final de Mestrado, dirigiu um programa diverso e exigente à frente da BBC Philharmonic, que contou com a estreia mundial do Concerto para Saxofone de Tom Harrol e o poema sinfónico de Luiz de Freitas Branco, “Anthero de Quesada”. Durante os estudos no RNCM, colaborou como Maestrina Assistente nas orquestras da BBC Philharmonic, Royal Liverpool Philharmonic Orchestra, Manchester Camerata e Hallé. Tem tido privilégio de participar em conceituadas masterclasses e trabalhar com grandes maestros e pedagogos internacionais. Esta lista inclui Sir Mark Elder, Andris Nelsons, JoAnn Falletta, Emmanuel Ax, Johannes Schlaefli, Mark Stringer, Thomas Hengelbrock, Mark Shanahan, Jessica Cottis e as orquestras da BBC Philharmonic, CBSO, Stavanger Symphony Orchestra, Balthasar Neumann Ensemble, Royal Opera House e London Sinfonietta. Os seus mais recentes compromissos incluem concertos com a Orquestra Metropolitana, Lucerne Festival Contemporary Orchestra e estreias com a Orquestra Sinfónica de Navarra, Real Filarmonía de Galicia e Orquestra do Algarve.

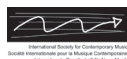
Filipa Portela. Soprano portuguesa, nascida em Avis, concluiu os seus estudos em 2018. Começou a sua formação na Universidade de Aveiro sob a tutela de Isabel Alcobia e concluiu a sua licenciatura e o seu mestrado no Conservatório Real da Escócia sob a tutela de Helen Lawson. Em julho de 2017, ganhou o 1.º Prémio no Concurso de Interpretação do Estoril e o Prémio Público ex-aequo. Desde então, já se apresentou a solo em diversos festivais (Cisternmúsica, Festival Internacional da Póvoa do Varzim e no Festival ao Largo), participou em concertos, como solista, com a Orquestra de Câmara de Cascais e Oeiras e a Orquestra Filarmónica das Beiras. Como cantora, desenvolve os seus próprios projetos. Dirige um coletivo que desenvolve produções de ópera, *Open Bodies for Opera*, com a qual participou no Edinburgh Fringe Festival em 2019 com uma performance dirigida e cantada por ela, “La Voix Humaine”, de Poulenc. Em 2020, convidou três compositores para criar uma coleção de canções baseadas nas “Letras Portuguesas” de Mariana de Alcoforado. Desde 2021 participa na série de concertos *Neues bei Grieg* em Leipzig no Grieg Begegnungstätte. Em março deste ano, apresentou novamente a produção de “La Voix Humaine” em Leipzig, com o apoio de Neustart Kultur. Em julho, apresentou-se com a Orquestra Gulbenkian em Lisboa. Filipa Portela tem uma formação rica em diversos tipos de arte, como dança, teatro e desenho. Durante os seus estudos, trabalhou com o grupo de comediantes profissionais e atores que vão a hospitais como Doutores Palhaços, através da “Operação Nariz Vermelho”.

Dirigido artisticamente pelo maestro Jan Wierzbka, o **Ensemble MPMP** é um grupo de instrumentação flexível, da música de câmara à coral-sinfónica, que tem desenvolvido, desde 2012, um trabalho de proximidade com musicólogos e compositores com vista à redescoberta de património passado e à valorização de repertórios contemporâneos. Tem-se apresentado no Festival Prémio Jovens Músicos (CCB, em 2013, e Fundação Gulbenkian, em 2015) e no Festival de São Roque (2013, 2014, 2015, 2017, 2018, 2020), tendo estreado modernamente obras de, entre outros, Marcos Portugal, João José Baldi, D. Pedro IV, Joaquim Casimiro Júnior, Francisco Norberto dos Santos Pinto, Sá de Noronha, Freitas Gazul, Augusto Machado e Luiz de Freitas Branco. Em 2015 levou à cena as óperas “O cavaleiro das mãos irresistíveis” e “Cai uma rosa...”, respetivamente de Ruy Coelho e de Daniel Moreira, nos Teatros Municipais de Almada e do Porto. Em formação orquestral foi também dirigido por Pedro Neves e Martim Sousa Tavares. Integrou diversos ciclos de câmara (Proximidades, Histórias da Música em Portugal, Contemplações, entre outros), apresentados em dezenas de auditórios por todo o país e estrangeiro (França, Dinamarca e Brasil, país que visitou já em três digressões, pisando palcos tão importantes como o Theatro Municipal de São Paulo e a Sala Cecília Meireles, e ainda gravando um programa de música portuguesa para a TV Brasil). Recentemente, participou no Festival Dias da Música 2017 (CCB), Festival Internacional de Saxofone de Palmela (2021) e Festival de Música de Sintra, aqui interpretando os monumentais “Mattutino de morti” de Bomtempo. Gravou para cinema e ainda três CD com música de Eurico Carrapatoso, Fernando Lopes-Graça e Ruy Coelho, estando em preparação monográficos de Bomtempo (para a NAXOS), Filipe Pires e Fernando C. Lapa (para a melographia portuguesa).

MPMP PATRIMÓNIO MUSICAL VIVO
www.mpmp.pt



MISO MUSIC PORTUGAL
www.misomusic.me



Secção Portuguesa da |
Portuguese Section of the
International Society for
Contemporary Music

Secção Portuguesa da |
Portuguese Section of the
International Confederation
of Electroacoustic Music

Membro da | Member of the
International Association of
Music Information Centres

Membro da | Member of the
European Conference of
Promoters of New Music

Membro da | Member of the
International Computer
Music Association

Member of the European
Music Council &
International Music Council
(EMC & IMC)